

## POÉTICAS DE INTERFACES: RECONFIGURAÇÕES DO FAZER E DA CRÍTICA NO CONTEXTO TECNOLÓGICO (DOSSIÊ)

Rogério Barbosa da Silva\*

Flusser, em *O universo das imagens técnicas*, considera que o mundo contemporâneo não mais se faz conhecer e valorizar através das linhas escritas, mas graças a superfícies imaginadas. Assim, segundo ele, fotografias, filmes, imagens de Tv, de vídeo e dos terminais de computador assumem o papel de portadores de informação outrora desempenhados por textos lineares. Trata-se, para ele, de compreender as transformações das imagens técnicas, as quais implicam uma ausência de dimensão, de volumes, já que são agora imagens formadas por pontos zero - dimensionais resultantes do cálculo e da computação. Processos que alteram as formas de construção do conhecimento, ou que nos levam a perceber, através da quebra da linearidade, a ordenação lógico-matemática por trás do pensamento científico, ou dos fios condutores dos textos. É a constatação do advento da sociedade telemática, à qual Flusser dedica-se em seus ensaios (chamamos a atenção para os de *O universo das imagens técnicas* e *A escrita*, ambos publicados pela Annablume) a analisar as implicações sejam ontológicas ou culturais, mas sobretudo a profunda transformação dos paradigmas que afeta as linguagens, as lógicas e as estruturas comunicacionais. Consequentemente, tais transformações revestem as novas formas de pensar e abstrair o mundo que nos cerca.

Partimos, neste dossiê, desse cenário em que a produção de mensagens artísticas ou não pressupõem tanto a superação da perspectiva geométrica quanto a superposição do tempo ao espaço, ou ainda, se quisermos, essa era

---

\* Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil. Coordenador do Grupo Tecnopoéticas: Grupo de pesquisa em poéticas telemáticas, cibernéticas e impressas. Imeio: [rogeriobsilvacefet@gmail.com](mailto:rogeriobsilvacefet@gmail.com)



Esta obra foi licenciada com uma Licença [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/)

de uma escrita baseada na codificação maquínica ou na transcodificação digital, para refletir sobre as interfaces existentes em criações artísticas. Sendo ou não tocadas pelas tecnologias digitais, tais obras se inserem num estado fronteiro e convocam processos de intermediação e, às vezes, até de transmediação para colocar em questão o objeto estético, ou projetam-nos sobre um momento em que a formulação de uma técnica maquínica imprime novos procedimentos de linguagem que recobrem o pensamento. Nesse sentido, consideramos discutir através das produções originadas em projetos relacionados aos núcleos de pesquisas potencializados pelo grupo 1MAGINÁRIO: Poéticas Computacionais (UFMG) e, no âmbito do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Estudos de Linguagens do CEFET-MG, os grupos TECNOPOÉTICAS, COMTE (Corpo, Movimento e Tecnologia) e LITERATÉCNICA. Esses núcleos vêm discutindo tanto em meios analógicos quanto digitais os imbricamentos semióticos, tecnológicos dos objetos artísticos, ou mesmo procurando refletir sua conformação a partir da dimensão da técnica.

Assim, observamos no texto “Narrativas interativas e jogos digitais: considerações sobre formas de escrita, leitura e imersão”, de autoria do professor Francisco Carlos de Carvalho Marinho, líder do grupo 1Maginári0, uma instigante reflexão sobre “as possibilidades e potencialidades das narrativas interativas, as quais abrangem um vasto campo de disciplinas de natureza distintas”. Em seu texto, apresenta-se não só uma formulação abrangente que dá conta do estado da arte relativo às narrativas digitais interativas e aos jogos digitais interativos, como se desenha uma indagação sobre a natureza do conhecimento que aí se produz e das ferramentas críticas, científicas e educacionais que derivam dessas produções. Logo no início o autor chama a atenção para o fato de que essas novas escritas implicam práticas e habilidades multi e transdisciplinares, as quais interferem na produção desse trabalho e cujo resultado encontra uma atmosfera francamente favorável pelo número de interatores que já transcenderam a migração para o campo digital. É nesse campo em que se descortinam os conhecimentos e habilidades de realidades virtuais imersivas que orientam a produção das narrativas, como uma nova forma de escrita, e na outra ponta as

potencialidades comunicativas, educacionais, entre outras, que o artigo contribui amplamente para o pensamento sobre e para as apropriações que se podem fazer dessas novas formas de escrita. Ao refletir sobre as imbricações dessas narrativas interativas com os jogos digitais, destaca o autor: “Os jogos nos têm ensinado, inspirado e engajado de uma maneira diferente, que a realidade não consegue alcançar, além de nos colocar juntos colaborando mutuamente para resolução de problemas que propomos a nós mesmos com intuito de diversão, entretenimento e arte”. Interessante ainda é a perspectiva que o artigo nos traz de encontrar nas práticas dessas narrativas interativas a conexão com as antigas práticas pré-históricas. Aqui se desvela aspectos relativos a uma memória coletiva (memória que, nas tecnologias digitais, vê-se confrontada por uma memória física exterior, uma memória midiática, um novo códex) como também um papel desempenhado pelos participantes dentro de um contexto coletivo, na medida em que a comunidade podia reencenar os contos na forma de rituais religiosos e ritos de passagem.

É interessante observar aqui, como nos mostra Marinho, que a emergência ainda muito recente das produções hipermidiáticas, ou mesmo das poéticas computacionais na contemporaneidade, continua a despertar cuidados no mundo acadêmico. Assim, ensejando uma reação crítica em torno do discurso da técnica, as produções do Grupo Literatécnica objetivam uma visão mais elaborada das pesquisas nesse âmbito; discutindo a sua razão instrumental, colocam em foco nos textos literários as questões relacionadas à memória, ao saber, à história ou à natureza. Por conseguinte, o professor João Batista Santiago Sobrinho analisa, em seu texto “Fabiano e a bolandeira como máquina de criar subjetividades”, o embaçamento entre o natural e o artificial, o homem e a máquina, aspecto que revela tanto a dimensão trágica do homem submerso às forças do Capital, como uma forma de reação crítica, na medida em que o romance se mostra “atento criticamente ao poderio dos dispositivos, mesclando, pois, por essa razão, uma visão prometeica e fáustica”. Ou seja, o crítico desvela, a partir do argumento da máquina, a bolandeira, um pensamento sobre a relação da técnica com as estruturas capitalistas que subjagam o indivíduo (econômica, social e psicologicamente) - ou mesmo a sociedade nesse contexto -, algo desvelado na construção do romance

modernista brasileiro. É uma retomada de um processo em curso e que se aprofunda na atualidade, daí o crítico convocar as discussões de Galimbert, Heidegger, Paula Sibilía e Agambem para pensar o momento atual.

Por seu turno, dois trabalhos relacionados ao Núcleo COMTE, cujos objetivos inclui o de desenvolver estudos interdisciplinares sobre as linguagens poéticas, envolvendo corpo, movimento e voz, em suas interfaces tecnológicas. Num deles, “Performance: a mobilidade posta em cena”, a coordenadora, Profa. Olga Valeska Soares Coelho, utiliza o conceito de “performance” para refletir sobre *Korso*, de Luís Serguilha, livro em que o processo de edição tem importância em seu percurso performático, já que a realização de seu projeto editorial é trabalhado artesanalmente por filhos de catadores de papel na editora Dulcinéia Catadora, com papel reciclado, pintado, etc. Então, assim como no processo editorial, mostra Olga Valeska, entra em cena um saber coletivo e individual cujos gestos evidenciam, ainda que clandestinamente, uma dimensão performática que termina por denunciar as estruturas hegemônicas da cultura, os versos de *Korso* trazem também estruturas que se repetem em diferença a partir de uma lógica não-linear. São cadeias de orações, blocos imagéticos, algoritmos linguísticos-sequenciais (Melo e Castro) que, a partir do título “Korso”, remontam a “uma dança tribal do Quênia, dança de improvisação coletiva que, no texto, é transfigurada em palavras que arrastam sentidos em linhas quebradas, estendendo-se indefinidamente”, afirma a autora. E demonstra dessa maneira, não sem antes nos trazer uma boa síntese do conceito de performance, que *Korso*, em sua dimensão performática, “integra a experiência de um espaço descontínuo e revela a exterioridade dos códigos compartilhados”.

No segundo texto, assinado pela Professora Olga Valeska, Siane Paula de Araújo e Izabel Cristina Coimbra Vieira Diniz, as autoras dedicam-se a análise semiótica da videodança *Sobre Muros e Jardins*, promovido pelos Grupos de Pesquisa parceiros COMTE do Posling-CEFET-MG e CCODA da UFMG. Novamente, uma produção em interfaces e interdisciplinar entre as letras, a dança e a videografia, trabalho que implica tanto o gesto criativo do grupo quanto o gesto de análise crítica, na medida em que sua dimensão performática requer também uma reflexão sobre o fazer.

Direção idêntica a tomada pelas pesquisas do “Tecno-poéticas: Grupo de pesquisa em poéticas telemáticas, cibernéticas e impressas”, grupo que tenho liderado. Nosso objetivo é o estudo das interfaces entre as produções artísticas modernas e contemporâneas e as diversas tecnologias disponíveis, tomando como ponto de partida as categorias linguagem, mídia e discurso, destacam-se os diálogos entre a arte e a tecnologia nas áreas de letras, cinema, fotografia, informática e outras correlatas que são convocadas pelas produções criativas.

Os textos destacados para esse dossiê dizem respeito às relações da literatura, da poesia, com o vídeo, a fotografia e as artes plásticas – não falamos sobre o cinema ou as poéticas digitais, embora tenhamos alguns trabalhos em curso. Como se poderá notar, em dois destes textos, há uma preocupação explícita em articular o fazer criativo e o pensamento crítico, na mesma direção daquela apontada pelo texto do prof. Francisco Marinho, cruzando áreas de saber e refletindo sobre aquilo que se produz.

É o caso do artigo “O conceito de videopoesia e a não obrigatoriedade de presença da linguagem verbal nessas obras”, de Cardes Amâncio, que tem como base toda a discussão que norteou sua dissertação “Videopoesia: análise, conceito e produção (2012)”, sob orientação do colega Wagner José Moreira. Nela, a reflexão orientou e foi orientada pela produção de um vídeo realizado durante a pesquisa, e que já resultou em premiações. Trata-se do videopoema “Ver-o-Peso” (disponível em <http://vimeo.com/48171234>).

No artigo desse dossiê, Cardes Amâncio nos leva a refletir sobre as dificuldades na conceituação de determinadas produções contemporâneas, especificamente a da videopoesia, em decorrência muitas vezes das inovações tecnológicas nos suportes. Mas também da apropriação de recursos que levam as produções a serem avaliadas em posições fronteiriças. A argumentação central de seu artigo é a de que um videopoema não prescinde da linguagem verbal para se constituir. Isso está no seu “Ver-o-Peso”, e está também no trabalho de pioneiros dessa arte, como os de E. M. de Melo e Castro. O autor nos mostra que, em “Lírica do objeto”, 1958, do poeta português, é um exemplo de obra performance filmadas em 8 mm ou Super 8, em que o poeta performer interage com objetos em cena, fato que resulta na criação de poemas objetos.

Do mesmo modo, em sua discussão, Cardes Amâncio lança mão, para criar um quadro abrangente, das produções de outros trabalhos envolvendo poesia, som, imagem e movimento. Portanto, haveria aí zonas de sombra que perpassam até mesmo as poéticas computacionais ou a infopoesia.

Já o artigo “Poesia, arte e tecnologia: um diálogo com a imagem do amor em Sebastião Nunes”, assinado por André Menezes e Wagner Moreira, traz um aspecto fortemente embasado no conceito de interartes e de tradução intersemiótica, de Júlio Plaza. Trata-se de uma discussão, focada na temática amorosa, e que ensejou uma reflexão metodológica entre criação e crítica no percurso de sua dissertação de mestrado. Ali, inspirado nas produções do poeta mineiro Sebastião Nunes e do escritor alemão Charles Bukowski, Menezes traça uma interessante relação intertextual e interartes, na medida em que a imagem poética vai se adensando, em sua passagem aos planos do desenho, da pintura e da produção em vídeo. Parte dessa produção crítica e criativa, é agora discutida neste artigo, em que assinam pesquisador e orientador. O artigo pressupõe a análise dos fenômenos transposicionais entre diferentes mídias, inter cruzando três linhas metodológicas: a Literatura Comparada, a Tradução Intersemiótica e a Pesquisa em Artes, em que os autores “considerando a obra de Sebastião Nunes, permeada de humor e apropriações de linguagem numa tradição intersemiótica, [puderam] situar seus trabalhos nos campos comparativos de análise, contextualizando-os no cenário da contracultura e ressaltando a questão do amor nas suas categorias e teorias”. O resultado, como se poderá verificar no texto, traz não só uma reflexão consistente do ponto de vista de uma metodologia capaz de articular criação e pensamento crítico, como também nos leva a perceber a pertinência das discussões de Cardes Amâncio acerca da videopoesia. Qual seja: a convivência de procedimentos distintos assim como os meios, o que reforça as características de uma poética de interfaces. Como afirmam os autores na conclusão: “as ligações artísticas ganham em intensidade com os procedimentos tecnológicos envolvidos em todo o processo. Estes devem ser identificados tanto na linguagem verbal, entendida como um fazer artístico singular, quanto nas traduções com suas respectivas execuções técnicas que estão permeadas pela ação de um sujeito criador”.

Por fim, no artigo “Da relação entre a fotografia e a poesia: o caso da expressão poética piva-lee”, assinado por Leonardo Morais e Wagner Moreira, a aproximação entre poesia e fotografia busca flagrar outras ligações da poética e a imagem, via fotografia. Trata-se da análise do livro *Paranoia* (PIVA, 2000), em que se observa uma práxis artística delineada por uma espécie de diálogo interartes, que “se manifesta de forma intensa e delirante a partir da confluência advinda da relação entre os poemas de Roberto Piva e as fotografias de Wesley Duke Lee.” O artigo busca refletir sobre os procedimentos analógicos entre o texto e a fotografia, mas também as subversões da linguagem e conseqüente questionamento do real, algo que ganha força nessa relação intrincada entre imagem fotográfica e a imagem resultante das articulações poéticas da linguagem verbal.

Tais questões postas por Leonardo Morais e Wagner Moreira, levam-nos a novamente convocar aqui Flusser, em sua *Filosofia da Caixa Preta*, quando intenta a repensar a imaginação a partir das imagens produzidos pelos aparelhos tecnológicos:

homens constroem aparelhos segundo modelos catesianos; em seguida, os alimentam com conceitos claros e distintos (atualmente existem aparelhos de ‘segunda’ geração que podem ser construídos e alimentados por outros aparelhos e os homens vão desaparecendo para o além do horizonte); os aparelhos passam a permutar os conceitos claros e distintos inscritos no seu programa; fazem-no ao acaso, automaticamente, ‘pensam’ idiotamente; as permutações que assim se formam são transcodificadas em imagens e fotografias; (...) (FLUSSER, 2011, p. 91)

Enfim, acreditamos que esse pensamento flusseriano aplicado a uma nova filosofia da fotografia possa estar contido não apenas nas discussões finais do texto de Leonardo Morais e Wagner Moreira, como em todas as reflexões que este dossiê buscou representar. Quer dizer, contrapor às possibilidades dos dispositivos e dos códigos apropriados pelas artes aí representadas a dimensão poética que lhes desamarra os laços. Buscar nas interfaces uma poética que não recusa interagir com a complexidade das escritas que o nosso tempo nos proporciona. É isso, em síntese.

## REFERÊNCIAS

FLUSSER, Vilém. **O universo das imagens técnicas**: Elogio da superficialidade. São Paulo: Annablume, 2008.

\_\_\_\_\_. **A Escrita**: há futuro para a escrita? Trad. Murilo Jardelino da Costa. São Paulo: Annablume, 2010.

\_\_\_\_\_. **Filosofia da Caixa Preta**. São Paulo: Annablume, 2011.

**Texto recebido em: 14/07/2014.**